

# TEORIAS DA COMUNICAÇÃO: AS CORRENTES TEÓRICAS NO ESTUDO DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

*Renato de Campos\**

## Introdução

Os estudos sobre os veículos de comunicação de massa e sua inserção na sociedade contemporânea, bem como os efeitos causados perante o desenvolvimento da tecnologia de comunicação passaram a ganhar força a partir do momento em que se constataram a importância econômica, social, política e ideológica do fenômeno comunicacional.

Para Luiz Costa Lima o processo de comunicação de massa apenas se instituiu na sociedade contemporânea a partir do momento que três fatores preponderantes se associaram: “(a) base tecnológica; (b) sistema social que a utiliza; (c) cultura de massa” (LIMA, 1990, p.44).

Fenômeno circunscrito apenas a partir do século XX: “Os Mass Media não existiram em algumas ou em várias sociedades, porém, originariamente, só na Ocidental e, dentro desta, seu pleno aparecimento só se dá no século em curso” (LIMA, 1990, p.21).

A evolução tecnológica que deu origem à implantação dos mass media, de modo geral, faz-se presente até os dias atuais onde os veículos de comunicação de massa assumem papéis preponderantes no direcionamento de comportamentos, moda e consumo das massas.

O desenvolvimento da economia capitalista encarregou-se de fornecer as bases para um sistema social decorrente. Uma sociedade organizada a partir do consumo e orientada a este aspecto utiliza-se dos veículos de comunicação de massa para estabelecer vários aspectos de sua vida cotidiana.

Neste sentido se perfaz a cultura de massa ilustrada por Luiz Costa Lima (1990, p.39): não bastou, portanto, a arrancada do sistema capitalista, o

\* Docente do Centro Universitário de Araraquara – Uniara e da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp. Especialista em Teorias e Técnicas da Comunicação Social, Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

incremento da velocidade da comunicação, o aparecimento dos primeiros meios de reprodução técnica e a baixo preço para que já se desse a cultura de massa. Necessário se faz (grifo nosso); a integração inconsciente de suas mensagens em uma modalidade de cultura.

A abordagem dada por Luiz Costa Lima deixa de vislumbrar as características e processos inerentes aos *mass media* no século XXI, porém, não é por isso, defasada. Pelo contrário, o modelo apresentado pelo autor em 1990 apenas teve seu processo acentuado na atualidade.

As novas tecnologias de comunicação apresentam-se como uma das bases que possibilitam ao ser humano o fenômeno da globalização. Tais tecnologias decorrem do processo de digitalização e convergência das mídias para um suporte computadorizado que, por sua vez, desempenha um papel preponderante nas comunicações globais. Mais explicitamente, pode-se citar a internet, a televisão digital, a telefonia celular e a possibilidade de transmissão via satélite e fibras óticas. Claro está o papel preponderante destas novas tecnologias dentro deste processo.

As empresas de comunicação assumem, também, importante função neste cenário onde o consumo é uma das tônicas para se alavancar todo o mercado, base para a organização econômica neoliberal, na qual o consumo significa outra das pilstras do sistema.

A presença dos *mass media* como um dos aspectos preponderantes na sociedade atual demonstra a importância da implantação deste estudo exploratório e bibliográfico, o qual apresenta como foco principal as Teorias da Comunicação; ou seja, como as correntes teóricas no estudo da comunicação de massa se estabeleceram em termos de elaborar estudos que expliquem e contextualizem o fenômeno.

## A Escola Funcionalista

A corrente teórica funcionalista desenvolveu-se nos Estados Unidos, trazendo uma visão da comunicação muito particular, onde, ao que se percebe, a comunicação atende a funções sociais específicas que, por sua vez atrelam-se aos interesses dos grupos ou elites sociais de uma determinada comunidade, na qual se trabalha a comunicação em termos de manipulação da mensagem com o intuito de manter a ordem social.

“Em toda a sociedade os valores são moldados e distribuídos de acordo com padrões mais ou menos peculiares (instituições)” (LASWELL, 1971, p.111).

“Estas funções, bem como outros mecanismos psicológicos e sociais, têm diversas formas de aplicação. Conhecer tais funções significa poder, o qual oferece a oportunidade de ser usado para interesses gerais ou específicos” (MERTON apud LIMA, 1990, p.114).

Analisando estas duas frases podemos chegar ao centro do pensamento Funcionalista e seu estreito vínculo com a manutenção da ordem social. Neste sentido, os funcionalistas admitem um aspecto de manipulação e conquistador de opiniões no campo da comunicação, e o admitem de modo natural, designando para tanto funções ou papéis, que cada instituição ou grupo social desempenha para a manutenção da ordem. O poder e sua perpetuação na sociedade através da comunicação são a tônica do pensamento funcionalista. Nesta corrente teórica percebe-se um inequívoco posicionamento positivista, não há um tom de criticidade quando se aborda o fator manipulação, e sim um apaziguamento com o processo.

A mensagem é então pré-elaborada e estritamente condicionada a atingir objetivos e públicos específicos, é a ênfase no transmitir que torna a comunicação um ato de manipulação. Temos um exemplo da aplicabilidade destes conceitos na área da propaganda onde realmente se trabalha com persuadir da comunicação e a idéia de se elaborar uma mensagem auto-suficiente que atinja um determinado segmento da sociedade, ou seja, o público-alvo, é não só inerente ao processo como aplicado cotidianamente nos planejamentos de campanha.

A ênfase no transmitir fica ainda mais explícita quando analisamos o paradigma de Lasswell e as funções que dele decorre segundo seu autor:

- quem (emissor): análise de controle,
- diz o que (mensagem): análise de conteúdo,
- em que canal: análise dos meios,
- para quem (receptor): análise de audiência,
- com que efeito: análise de efeitos.

É no direcionamento que Lasswell dá ao analisar o processo de comunicação que percebemos sua tendência no transmitir, aliás ela se torna evidente quando nos atemos ao tipo de leitura que a escola funcionalista faz ao analisar o processo:

- quem inicia o ato de comunicação não o faz ao acaso, esperando uma resposta qualquer, ou seja, o comunicador guia a sua mensagem, direcionando-a e tal o faz através da análise de controle.

- para quem se posiciona como receptor resta uma posição passiva, pois este é colocado como simples audiência, um receptor que ouve e é modificado pelo teor da mensagem passivamente.

Os autores funcionalistas procuram então, com ênfase no transmitir a mensagem e com o processo de comunicação enraizado no aspecto de manipulação e controle, elaborar uma teoria que atenda a estes aspectos, e chegam até a ser um tanto ingênuos em suas proposições, no intuito de buscar uma socialização harmoniosa. Este aspecto encontramos explícito no seguinte trecho: “Uma terceira consequência social dos mass media tem passado

longemente despercebida (...). A ela podemos chamar a disfunção narcotizante dos mass media. É denominada disfuncional (...), supondo que não seja de interesse da complexa sociedade moderna ter uma grande parcela da população politicamente apática e inerte” (LIMA, 1990, p.114,115). A partir daí os autores descrevem todo um suporte disfuncional dos mass media que se resume na seguinte proposição: “narcotizar ao invés de estimular” a ação social. Quando citei uma certa ingenuidade teórica, o fiz, porque parece-me claro que uma grande parcela da sociedade permanecer inerte é sim um interesse de Estado e note que nem assumir a palavra Estado eles fazem, ao invés encobrem-no no manto da “complexa sociedade moderna”.

Aos funcionalistas, Umberto Eco denominaria Integrados e os contraporia aos Apocalípticos da Escola de Frankfurt que analisaremos a seguir.

### **A Escola de Frankfurt**

A corrente teórica da comunicação que ficou conhecida como a Escola de Frankfurt e que deve sua denominação ao início de seus trabalhos no Instituto de Pesquisa Social, criado em 03/02/1923, vinculado à Universidade de Frankfurt, mas que em seu desenvolvimento, pouco ficou estabelecida nesta localidade. Devido a conturbações históricas que coincidiram e afetaram irreversivelmente a vida do Instituto, temos no decorrer do tempo e conforme a propagação do nazismo na Europa, a mudança do Instituto por diversos países europeus até culminar com sua emigração para os Estados Unidos, mais precisamente em Nova York, sob a denominação de “International Institute of Social Research” vinculado a Universidade de Colúmbia (1933-1950).

O pensamento frankfurtiano caracteriza-se por seu embasamento marxista na apreciação do homem e suas relações na sociedade, aprofunda-se no estudo dos meios de comunicação de massas trazendo, talvez como um dos maiores benefícios, o conceito de Indústria Cultural, onde os bens culturais da humanidade são apropriados pelo capitalismo onde passam a operar como mais uma ferramenta de dominação social e desvalorização ou esvaziamento do conceito de arte. “A dissolução da obra de arte não ocorre porque o sistema de produção de mercadorias havia sido suprimido e sim porque ela foi transformada em mercadoria, assimilando-a a produção capitalista de bens” (FREITAG, 1986, p.71). É assim que a cultura, num processo denominado “perda da aura”, torna-se um valor de troca.

A produção artística e cultural é organizada sob moldes das relações capitalistas, atendendo aos padrões econômicos de tal regime e reproduzindo-o, neste sentido perde seu valor intrínseco, para ganhar um valor de troca (mercadoria). Todo este processo da Indústria Cultural serve, segundo a Escola de Frankfurt, como uma forma de dominação e perpetuação do regime, é o que se pode chamar de função alienante da arte, “a cultura fornecida pelos meios

de comunicação de massas não permite que as classes assalariadas assumam uma posição crítica (...) anulam os mecanismos de reflexão crítica para acionarem a percepção e os sentidos” (FREITAG, 1986, p.73).

Se, no início do Instituto a visão da luta de classes era o meio, a priori, das classes operárias reverterem o sistema de dominação, já na década de 60 esta esperança ou visão é abandonada (apesar do posicionamento marxista de seus pensadores). O sistema seria perpetuado e revigorado: “A desativação da história, a naturalização dos processos de produção, o congelamento das condições de exploração, de alienação e de dominação (...) não deixou dúvidas de que a salvação da humanidade não poderia ser esperada das massas dos oprimidos” (FREITAG, 1986, p.80). Assumindo este posicionamento pessimista em suas teorias é que os frankfurtianos mereceram a denominação de “Apocalípticos”. Sem dúvida alguma o posicionamento teórico destes pensadores, apesar do pessimismo, é muito mais engajado e crítico, portanto menos inocente, que os da teoria Funcionalista. Tracemos um paralelo entre estas escolas para poder evidenciar o aspecto acima citado: Em a Dialética do Esclarecimento, Adorno e Horkheimer (1947), insistem: “a onipotência do sistema capitalista, reificado no mito da modernidade, estaria deturpando as consciências individuais, narcotizando a sua realidade e assimilando os indivíduos ao sistema estabelecido” (FREITAG, 1986, p. 20). Este sentido narcotizante também é abordado na escola Funcionalista por Merton e Lazarsfeld ao operarem com o conceito de disfunção narcotizante e é aí que reside a diferenciação entre ingenuidade e engajamento. Os Frankfurtianos assumem uma posição crítica perante esta situação, lançam o alerta, enquanto que os Funcionalistas assumem o conceito disfuncional, assim eles conseguem enxergar o processo, porém não identificam suas causas, implicações e os interesses de fundo implícitos no fenômeno da inserção do indivíduo no sistema de dominação social e sua perpetuação.

### **O Estruturalismo**

As abordagens utilizadas pela Escola de Frankfurt e pelos Funcionalistas apegam-se ao desenvolvimento de teorias que ressaltam as implicações do progresso dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea, é verdade que estas duas correntes chegam a dois posicionamentos distintos e praticamente opostos, mas ambas não trabalham com o processo em si da comunicação. É assim que podemos imprimir a estas duas correntes teóricas o fato de trabalharem com o “em torno” do processo comunicacional, em oposição a corrente Estruturalista que, como veremos a seguir, centra suas atenções para o interior deste mesmo processo, debruçando-se, em primeiro plano, sobre a mensagem produzida, assim sendo, as abordagens citadas anteriormente seriam um estudo sociológico da comunicação numa visão estruturalista, vale também

ressaltar que ao concentrar-se na mensagem estabelece-se um paralelo do Estruturalismo com os estudos da Teoria da Informação, mas convém ressaltar que enquanto os estruturalistas buscam os dados comuns, as coincidências ou estruturas de uma dada mensagem, os informacionistas, por assim dizer, vêm na mensagem suas categorias exatas, seus signos e sua mensurabilidade, buscam então a taxa de informação, sendo que os dados comuns, estruturais, seriam tratados como fatores de redundância.

O posicionamento Estruturalista “é a busca de invariantes ou de elementos invariantes entre diferenças superficiais” (LEVI-STRAUSS, 1989, p.20). Neste sentido é que se preocupa com a análise da mensagem, deslocando-a do contexto e tomando-a em duas direções distintas “a) na análise do conteúdo explícito, num enfoque quantitativo, onde se busca isolar no corpo do texto determinados elementos (...) e b) na análise da estrutura da mensagem (onde se dá o efeito de sentido), do discurso não manifesto (...)” (BARROS, 1992, p.11). É neste ponto que acontecem as críticas ao pensamento Estruturalista, pois ao deslocar a mensagem de seu contexto, para analisar apenas o seu conteúdo, explícito ou implícito, deixa-se de lado uma enorme gama de variáveis de contexto que afetam profundamente, por assim dizer, o conteúdo de uma mensagem e que são desprezadas pelos Estruturalistas, “(...) direcionam as atenções para o interior do texto, omitindo os problemas do contexto da emissão e, sobretudo, da recepção; como se a comunicação ocorresse fora da história” (BARROS, 1992, p.11).

No modelo estrutural opera-se também uma dissociação entre emissor-mensagem-receptor. Desconsidera-se quem produziu a mensagem e a quem foi dirigida, relegando-os ao estudo sociológico que deve tratar dos grupos humanos. O que profundamente se opera, então, é uma dissociação entre semiologia e sociologia. Não se aposta na interdisciplinaridade como em outras correntes que consideram texto e contexto fundamentais para o estudo amplo da comunicação e o fazem promovendo a análise da recepção, ativando-a em seu contexto. Assim, podemos concluir que, numa análise estrutural, não apenas assistimos ao deslocamento da mensagem de sua realidade temporal e histórica, de inserção no próprio contexto em que foi produzida; como também assistimos a dissociação da mensagem em relação aos sujeitos que participam do processo de comunicação, tirando da mensagem também o seu contexto social, tomando-a assim nua, como se a mensagem fosse um ente transcendente na realidade sócio-cultural na qual está inserida.

### **A Teoria da Informação**

Concentrando seus esforços na mensagem produzida dentro do processo de comunicação e utilizando de uma abordagem semiótica da mesma, a Teoria da Informação traz como novidade, no estudo da comunicação, uma certa

medida de precisão, trata-se de uma teoria estatística e matemática que em sua análise da informação tenta mensurar o processo de modo a torná-lo preciso e sem ruídos. “Na Teoria da Informação e da Comunicação, o que importa essencialmente é a medida de conteúdo de informação, ou melhor, do teor ou taxa de informação (...) em suas origens e rigorosamente falando, a Teoria da Informação surge como uma teoria estatística e matemática” (PIGNATARI, s/d, p.16).

Vale a pena dizer que estamos tratando aqui de um conceito que envolve o ser humano em suas relações com os demais através da comunicação, seja ela um mero diálogo ou mesmo um veículo de massas, tentar tornar exato e preciso este processo tem suas complicações, não que uma abordagem semiótica do tema não traga elucidaciones mas complicado seria tentar fechar o assunto apenas com esta ferramenta. O ser humano e seu processo de comunicação com o mundo é muito mais amplo e cheio de caminhos que uma abordagem estatística e matemática seriam capazes de explicar. “(...) não há informação fora de sistema qualquer de sinais e fora de um veículo ou meio apto a transmitir estes sinais. Em consequência a nossa ênfase recairá sobre os aspectos sintáticos, formais e estruturais da organização e transmissão das mensagens” (PIGNATARI, s/d, p.12). Neste sentido fica explícito o objeto desta corrente teórica, a informação e suas variáveis quantificáveis, mas para isso deve-se desconsiderar o todo da inserção social dos indivíduos que participam do processo, isso sem falar na inserção da própria mensagem na realidade em que foi produzida.

Na Teoria da Informação admite-se a comunicação como um fenômeno que exerce uma função social, e neste aspecto passam a ter uma aproximação com a Escola Funcionalista pois, como ela, também admitem a manipulação da mensagem e enxergam o mecanismo da comunicação como um estímulo, por parte do emissor, em busca de determinadas respostas; seria mais ou menos como os funcionalistas observavam o processo de comunicação, como um estímulo a um organismo, e aí eles nos remetem a comparações biológicas, determinando certas respostas. “Do ponto de vista psicológico, comunicação pode ser definida como resposta discriminada ou selecionada a um estímulo. Claro é, no entanto, que a comunicação não é apenas a resposta, mas a relação estabelecida pela transmissão de estímulos e pela provocação de respostas. O estudo dos signos, das regras que regem e de suas relações com os usuários ou intérpretes forma o cerne do problema da comunicação” (PIGNATARI, s/d, p.16).

Note que podemos até sermos traídos, em pensamento pela palavra relação (grifo nosso) do texto acima, não se trata aqui de uma relação emissor receptor como é vista na teoria da recepção, onde o destinatário da mensagem também é agente operante do processo e fruidor da mensagem, mas sim de uma relação que ocorre no próprio nível da emissão, pois é o próprio emissor

quem lança os estímulos adequados à resposta que ele quer, neste caso a comunicação torna-se um processo controlável e funcional. A comunicação, ainda aqui, parece ser vista como um fenômeno unidirecional, aprofundemo-nos neste ponto: “Para que a informação ou mensagem transite por este canal, necessário se torna reduzi-la a sinais aptos a esta transmissão: esta operação é chamada de codificação e quem ou o que a realiza é o transmissor ou emissor. No ponto de destino, um receptor reconverte a informação a sua forma original, decodificando-a com vistas ao seu destinatário (...) todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio” (PIGNATARI, s/d, p.17).

Finalmente, não há espaço para o receptor, visto aqui como um mero destinatário - decodificador da mensagem e, note-se, da mensagem original, qualquer parâmetro de interpretação, por parte do receptor, pode deturpar a mensagem de seu sentido original e por consequência, esta interpretação, pode ser enquadrada como ruído ou distúrbio. Portanto, voltamos a frisar, a Teoria da Informação, em sua abordagem exata da mensagem, tem sua validade, porém desconsidera vários aspectos da realidade humana e, sobretudo, da realidade de quem vai receber a mensagem.

### **Marshall McLuhan e a ênfase aos meios**

Dentro do paradigma da comunicação, enfatizar o meio em que a mensagem é propagada ou transmitida e mesmo afirmar que “o meio é a mensagem” como faz o profeta deste posicionamento - Marshall McLuhan - significa ter uma abordagem da comunicação segundo uma preocupação com o aparato técnico desenvolvido neste século sob a forma de novos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão. Esta preocupação tecnicista da comunicação é o que se destaca nos textos de McLuhan.

Neste sentido, McLuhan, propõe os meios tecnológicos criados pelo homem como extensões de seu próprio corpo e confronta as máquinas e a impressão de Gutemberg (extensões dos músculos) com a era digital ou eletrônica (rádio e televisão - extensões do sistema nervoso). “Em termos de mudança que a máquina introduziu em nossas relações com os outros e conosco mesmos, pouco importava que ela produzisse flocos de milho ou Cadillacs. A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica da fragmentação que constitui a essência da tecnologia da máquina. O oposto é que constitui a essência da tecnologia da automação” (MCLUHAN, 1979, p.21). E segue: “A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades de trabalho e de lazer totalmente novos” (MCLUHAN, 1979, p.22). Este exemplo é amplamente elucidante do pensamento contido na ênfase nos meios, expresso aqui por McLuhan, neste caso não se trata de expandir um viés da humanidade que estava atrofiado ou

até mesmo inexistente, trata-se sim de dinamizar e maximizar uma característica do ser humano que seria a locomoção ou transporte, não só de pessoas ou cargas, mas também de comunicação; porque a locomotiva também tornou-se um meio, talvez não direta como a imprensa, o rádio e a televisão como os entendemos hoje mas indiretamente como portadora de notícias ou distribuidora de cartas; mas voltando a questão, a locomotiva criou uma nova organização social característica de sua época e a ela voltada, é neste ponto que McLuhan afirma que “o meio é a mensagem”, ou seja, o meio carrega em si seus próprios paradigmas que alteram e moldam a sociedade segundo seu inter-relacionamento com este meio ou com novos meios. “Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos” (MCLUHAN, 1979, p.37).

Estabelecendo um paralelo entre a posição de McLuhan e as correntes da Informação e a Estruturalista notamos que a Ênfase nos Meios traz bem menos uma preocupação com os signos, não trabalha com a semiótica tão em voga nas outras duas correntes. Mas se pensarmos no aspecto do controle e manipulação da mensagem podemos estabelecer um elo entre a Ênfase nos Meios e o Funcionalismo, os consumidores devem estar passivos na sua interação com os meios que estabelecem a maneira de agir destes indivíduos e que, por sua vez, são controlados por uma elite, detentora do poder, que designa os comportamentos, posicionamentos e atitudes mais adequados, ou seja, a função que cada um deve assumir e respeitar na sua interação com a sociedade. “The medium is the message”, de vez que esta estabelece que os efeitos de um meio de comunicação são inseparáveis do próprio meio. Significa isto que os efeitos, globais e profundos, dos meios de comunicação, são incontroláveis? Seguramente não, e nisto reside o núcleo prático da obra de McLuhan: “os efeitos dos meios de comunicação são suscetíveis de controle, mas somente através daqueles que detém o domínio dos próprios media, e não do lado dos consumidores das mensagens que eles veiculam” (COHN, 1971, p.367,368).

Marshall McLuhan, em sua ênfase nos meios, é um autor polêmico, por uns enaltecido e por outros severamente criticado, mas o que fica de seu pensamento é a radicalização no meio como determinante do comportamento do homem, e se não quisermos assumir, de fato, esta linha, teremos que reconhecer que muito disto acontece mesmo em nossa organização e posicionamento perante o mundo.

### **Os estudos centrados na recepção**

Desenvolvendo-se a partir da década de 70 a Teoria da Recepção representa uma reviravolta em relação ao Estruturalismo, trata-se de uma ampliação da visão em relação ao fenômeno comunicacional. Se, no Estruturalismo temos o estreito vínculo com a mensagem como objeto de

estudos, na Teoria da Recepção amplia-se o foco de ação promovendo o encontro da obra com o leitor, deixando portanto de lado o isolamento da obra, no que poderíamos chamar de esvaziamento do contexto.

É portanto o traço mais significativo, talvez uma evolução, o confronto da obra com o receptor, uma interação a ser profundamente considerada pois desloca o receptor de uma posição passiva, de receptáculo de um conteúdo orientado, para a posição de fruidor da mensagem elaborada e produzida, por ele próprio, no seu entendimento. As correntes anteriores davam ênfase ao que foi dito, agora preocupa-se com as conseqüências do que foi dito, na sua interface com a realidade onde se insere o receptor.

“A recepção de uma obra literária é entendida como um processo na qual a obra é recriada, tornando-se assim um produto de sua interação com o leitor” (CRUZ, 1986, p.57). É a poética da recepção, a mensagem elaborada pelo emissor, segundo sua realidade, sofre uma nova produção, segundo os parâmetros do receptor, no momento que este assimila a mensagem. “Não assinala a presença do receptor para fazer dele um mero decodificador do sentido original ou intencional da obra. O receptor não é o destinatário de um sentido já constituído, enviado pelo autor/ destinador por meio do texto” (CRUZ, 1986, p.62).

Neste sentido é que se desenvolve o paradigma da estética da recepção, trazendo como objeto de estudos o eixo obra-leitor, ou seja, as relações advindas desta interação para o entendimento da mensagem, a qual não é mais a mensagem original, mas sim uma nova mensagem recém-produzida na sua interação com o receptor no processo de entendimento.

Umberto Eco ao apresentar seu trabalho *Obra Aberta*, discute a formação deste caráter de interação entre mensagem e receptor, inserindo-os no contexto das artes e da música; segundo Eco, as novas obras musicais, ao contrário dos clássicos apresentam-se “não como obras concluídas que pedem para serem revividas e compreendidas numa direção estrutural dada, mas como obras abertas, que serão finalizadas pelo intérprete no momento em que as fruir esteticamente” (ECO, 1976, p.39). Em relação as obras de arte tece o seguinte comentário: “Uma obra de arte é um objeto produzido por um autor que organiza uma seção de efeitos comunicativos de modo que cada possível fruidor possa recompreender (...) cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifique segundo uma determinada perspectiva individual” (ECO, 1976, p.40).

Neste sentido tornam-se explícitos os parâmetros que influenciam a relação obra-público, ou mesmo, mensagem-receptor. Neste mesmo texto, Eco alerta para que este caráter interpretativo da obra, por parte de quem a observa

já era diagnosticado “nos antigos” (cita Platão - no Sofista, entre outros) porém, Eco alerta para o posicionamento anti-abertura, em que os autores cercavam a obra de vários “artifícios de perspectiva” de modo que a mesma pudesse ser encarada de um “único modo certo possível” (ECO, 1976, p.42).

A abertura da obra de arte, da música e mesmo da mensagem em si é uma evolução pois insere o receptor no processo da comunicação através da observação da sua realidade sócio-cultural, ativando sua capacidade interpretativa, não mais relegando-o a uma espécie de ser passivo no processo da comunicação. Cabe aqui uma última menção a Umberto Eco que define especialmente este processo: “Cada fruição, é assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original” (ECO, 1976, p.40).

### **O paradigma das mediações**

Trata-se de uma teorização que leva em conta, além da racionalidade humana, o seu lado emocional, os quais estão inseridos no processo de comunicação. Em linhas gerais tenta-se visualizar o indivíduo como ser pensante e racional ao mesmo tempo que sentimental e lúdico, carregando no íntimo paixões, loucuras, manias, preconceitos pessoais, e tantos outros aspectos que permeiam a sua formação como indivíduo inserido numa realidade sócio-temporal e que, em que pese o seu lado racional, tem em seu caráter, um meio que misto ou miscelânea de todas estas características. “Vamos partir do homem. Ele é concebido como homo sapiens e homo faber. Ambas as definições são redutoras e unidimensionais. Portanto, o que é demens – o sonho, a paixão, o mito – e o que é ludens – o jogo, o prazer, a festa – são excluídos de homo, ou, no máximo considerados como epifenômenos” (MORIN, 1986, p.113).

Neste sentido condena-se, mais uma vez, a visão do ser humano como puro receptáculo de informações, parece, agora, que de uma vez por todas se abandona aquele tipo de pensamento carregado de um certo grau de positivismo onde a mensagem é pré-elaborada de modo a se fazer valer perante o seu destinador, mero decodificador. A glorificação da mensagem como tínhamos no Estruturalismo e, principalmente, na Teoria da Informação, cai de joelhos uma vez que distinguimos, no receptor, toda uma ambivalência do ser, profundamente humano, só o seu caráter ludens e demens explicitados por Morin já colocam por terra a tentativa determinista da mensagem.

Por outro lado, vemos toda a situação funcionalista-positivista também distorcer-se perante a desunidade que representa o todo social. “Mas é preciso ver que a organização social é um circuito incessante entre interações que emanam de baixo e coerções dominadoras provenientes de cima (Estado)” (MORIN, 1986, 117). Neste embate de interesses é que sobrevive a organização social, a idéia funcional de aceitação de um modelo de papéis a serem cumpridos,

de funções sociais desempenhadas a partir do interesse comum, despenca neste próprio choque de interesses egocêntricos entre várias comunidades ou indivíduos que compõem o conjunto da nação, “(...) nossa sociedade é o produto permanente das interações entre os milhões de indivíduos que a constituem e não têm nenhuma existência fora dessas interações” (MORIN, 1986).

O que se é contra, no paradigma das mediações, constitui aquele bloco de pensamentos simplificacionistas que não enxergam a realidade multifacetária da organização social e, pelo contrário, carregam uma mesmice organizadora que Morin denomina de pensamento “reductor/unidimensional”, levando esta consideração para a área da comunicação podemos estabelecer o seguinte aspecto: a mensagem é produzida por um indivíduo, ou mesmo por um veículo de comunicação de massa, de modo que, esta mensagem, carrega em si todo um aparato que a insere numa realidade social e de época, repleta de interesses e carregada de mitificações, simplificações, reduções que a inserem em sua realidade, na outra ponta do jogo, o fruidor desta mensagem pode, com toda sua bagagem de formação, mediar esta mensagem, debruçando-se sobre ela, analisando-a em suas entrelinhas, ou simplesmente absorvê-la, ou, até mesmo nem se dar conta de que a recebeu. É esta a mediação do paradigma, um não aos dogmatismos e simplificações, a possibilidade de se enxergar toda a complexidade do ser humano e sua inserção na sociedade, não com uma visão reducionista mas com um pensamento de caráter complexo, observador das multifacetadas da inserção social.

### **Considerações finais**

O fenômeno da comunicação parece ter sido analisado no sentido de priorizar, através de cada teoria, uma faceta de sua realidade, cada corrente teórica parece privilegiar um certo sentido da comunicação, parece enxergá-la sob um compartimento específico e a partir deste lugar formular suas considerações. Vejamos:

1. Funcionalismo: a comunicação vista como instrumento social, assume teores de manipulação e coerção, não aborda os mecanismos intrínsecos do processo, toma como disciplinas de apoio a ciência política, a sociologia e a psicologia.

2. Escola de Frankfurt: severos tons de criticidade na sua análise da sociedade, também toma a comunicação como instrumento de manipulação e trabalha com o seu “em torno”, apoia-se no materialismo histórico e na economia política.

3. Estruturalismo: analisa o processo da comunicação centrando-se no eixo emissor-mensagem, busca dos invariantes para sua análise estrutural, lança mão da lingüística estrutural e da semiologia.

4. Teoria da Informação: quantifica o processo de comunicação, restringe-se especificamente sobre a mensagem desconsiderando o seu contexto, apresenta características estatísticas e matemáticas.

5. Ênfase nos Meios: O meio carrega seus próprios paradigmas, tange as novas tecnologias e suas repercussões na sociedade e no homem das quais derivam e são suas extensões.

6. Teoria da Recepção: centra suas atenções no eixo mensagem-receptor, há uma nova produção na recepção, uma fruição da mensagem.

7. Paradigma das Mediações: aplica o pensamento complexo, multifacetário e opera a realidade de modo a discernir seu caráter ambivalente de relações em choque de interesses que estão sob um todo nivelador de opiniões.

Ao que parece, a crítica de que a comunicação não tem uma corporificação teórica concreta e carece de um método próprio e específico reforça-se aqui no embate com tantas correntes teóricas de diferentes posicionamentos. De fato, nos diversos estudos sobre comunicação, aqui brevemente analisados, vislumbramos a apropriação de métodos científicos próprios de outras ciências no estudo da comunicação. Ora são apreciações de fundo estatístico-matemáticos, ora o emprego de elementos específicos da psicologia, sociologia, política, economia, antropologia, história entre tantas outras ciências afins.

Deste modo não conseguimos optar por um caminho seguro e único no estudo da comunicação, mostrando-se um caráter multifacetário da disciplina, talvez por seu próprio envolvimento com o ser humano, pois fazemos dela nossa forma de expressão e de mediação na sociedade. Esta falta de distanciamento crítico do observador que faz da comunicação seu objeto de estudos, sua ferramenta de trabalho e de análise e, sua própria forma de expressar-se; talvez traga em si o germe desta polivalência teórica, desta variedade ampla de pensamentos, posicionamentos e de formas de encarar a comunicação como ciência. Talvez seja mesmo esta uma saída, não distinguir a comunicação como uma ciência formal, exata e sim como uma ciência de caráter multidisciplinar em decorrência de seu próprio entrelaçamento com o homem numa mediação em que por ele é produzida e no entanto o produz e o insere.

#### Referências:

BARROS, Laan Mendes de. Semiologia estrutural e semiologia de contexto na análise da comunicação social. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, FAFI, n.3, p.11-25, 1992.

COHN, Gabriel. O Meio é a Mensagem, In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**, São Paulo: Edusp, 1971.

CRUZ, Maria Tereza. A estética da recepção e a crítica da razão impura. **Revista Comunicação e Linguagens**. Lisboa, Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, n.5, p.57-67 1986.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LASSWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1971.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.

LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MERTON, Robert; LAZARFELD, Paul. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cultrix, s/d.

#### Resumo:

Trata-se de um artigo desenvolvido a partir de uma pesquisa de caráter exploratório e bibliográfico, cujo objeto de estudos foi a Comunicação de Massa e as diversas correntes teóricas que se desenvolveram a partir do século XX; as quais lançaram luzes ao estudo do fenômeno.

#### Palavras-chave:

Comunicação de Massa, Teorias da Comunicação.